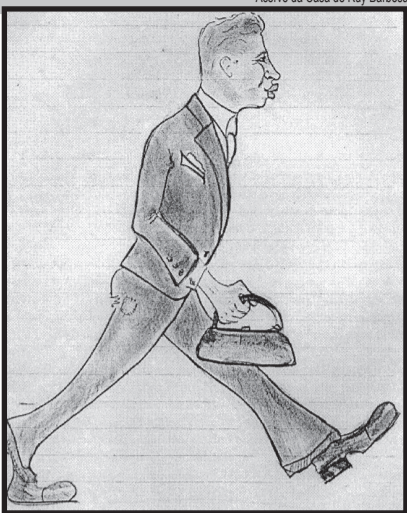


Arquivo da Casa de Ruy Barbosa



Caricatura feita por Pinto de Moura

# O Modernismo nas 'Memórias' de Pedro Nava



Júlio Valle, autor do estudo: usando o Modernismo como chave interpretativa da obra de Pedro Nava

**Tese procura entender a situação tardia da produção do escritor mineiro**

MANUEL ALVES FILHO  
manuel@reitoria.unicamp.br

**T**ese de doutoramento de Júlio de Souza Valle Neto, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, faz uma abordagem original da obra do memorialista Pedro Nava, situando-a no universo do Modernismo. O trabalho, que foi orientado pelo professor Antonio Arnoni Prado, também procurou compreender a situação tardia da produção de Nava, tanto no que se refere ao seu surgimento historicamente temporão quanto no contexto do conceito denominado "estilo tardio", formulado pelo crítico literário palestino Edward Said. O trabalho foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

O interesse de Júlio Valle sobre a obra de Pedro Nava remonta ao seu trabalho de mestrado. Na oportunidade, ele estabeleceu uma comparação entre as Memórias produzidas pelo autor (ao todo, são seis volumes completos e um incompleto) e o romance O Ateneu, escrito por Raul Pompéia. "Como a dissertação, pela sua própria natureza, pede uma abordagem mais pontual, na ocasião eu delimito dois dos volumes da obra de Nava, nos quais ele fala da sua experiência no internato. Foi esse universo escolar, embora não exclusivamente, que me permitiu traçar um paralelo com o livro do Raul Pompéia", explica o pesquisador.

Já no doutorado, Júlio Valle foi mais longe e ampliou o escopo da pesquisa em vários sentidos. "Primeiro, eu comecei a trabalhar sistematicamente com os seis volumes e meio que compõem as Memórias. Não satisfeito com isso, propus uma relação dessa produção com o Modernismo, tendo Mário de Andrade à frente. Claro que também me vali de outros autores que participaram do movimento, como Carlos Drummond de Andrade e Oswald de Andrade, este último de forma menos contundente", diz. Até então, ressalta o pesquisador, a crítica havia registrado apenas algumas notações sobre a presença do Modernismo na formação de Nava. "Em geral, as remissões eram biográficas e laterais", acrescenta.

Dito de outro modo, Júlio Valle alçou a participação do memorialista no movimento modernista à condição de chave interpretativa da obra produzida por ele, Nava. Nesse processo, privilegiou os anos 20, decisivos na formação do memorialista: nos anos 80, ele diz escrever ainda bastante inspirado pelo primeiro Modernismo. No decorrer do trabalho, o pesquisador chegou a conclusões importantes. A tese procura mostrar, por exemplo, que algumas das contradições encontradas na produção de Mário de Andrade também podem ser percebidas nos textos de Nava, concebidos



Nava caminhando no Rio (alto) e em sua casa (acima): textos com influências dos modernistas

cinco décadas depois da Semana Arte Moderna. Nos anos 20, Mário de Andrade registrou no "Prefácio Interessantíssimo", de Paulicéia Desvairada, e em A escrava que não é Isaura, que o realismo era uma concepção literária ultrapassada e que deveria dar lugar a algo novo. Todavia, ao escrever

sobre Os Sertões, de Euclides da Cunha, o mesmo Mário de Andrade acusa a obra de abusar da mistificação e cobra maior realismo do autor.

No entender de Júlio Valle, existe algo do gênero em Nava. "Se considerarmos trechos nos quais ele fala sobre a sua concepção de me-

morialismo, Nava começa dando a impressão de que, como modernista que é, está completamente desvestido da ambição realista. No final do mesmo trecho, porém, ele dá uma volta de 180 graus e faz uma profissão de fé, contraditória que seja, na possibilidade de recuperar realisticamente o passado", detalha o autor da tese. Além disso, prossegue o pesquisador, a obsessão de Mário de Andrade com o "nacional" também está presente nas Memórias. "O meu trabalho defende que a incorporação do nacional 50 ou 60 anos depois na obra de Nava tem a ver com a ascendência de Mário. Todavia, essa ascendência aparece filtrada por Drummond, com quem Nava conviveu nos anos 20 em Minas Gerais". O poeta mineiro trava, na metade daquela década, uma discussão sobre o assunto com o líder paulista do movimento – algo que, acredita, inspirou em parte a obra tardia de Nava.

Júlio Valle revela que, numa fase já bem avançada da sua pesquisa, tomou conhecimento do livro Estilo Tardio, de Edward Said. "A incorporação à tese de questões importantes formuladas por Said acabou conferindo uma relevância maior ao trabalho", avalia. O pesquisador esclarece que quando Davi Arrigucci Júnior [ex-professor de teoria literária da USP] chama as Memórias de um fruto tardio do Modernismo, ele está fazendo principalmente uma localização histórica do surgimento da obra. "Na tese, eu procurei ampliar essa dimensão de localização para uma dimensão expressiva. Ou seja, busquei compreender as Memórias também como um estilo tardio e não somente como uma erupção tardia", esclarece Júlio Valle.

No caso da obra de Nava, segue o pesquisador, há dois pontos importantes que permitem situar a produção nessa esfera. "Como disse [Theodor, um dos expoentes da Escola de Frankfurt] Adorno, o estilo tardio tem a ver com a presença da morte, mesmo que seja por refração. Nas obras analisadas por Said, percebe-se expressivamente – e não apenas tematicamente – certa ameaça da finitude. Isso perpassa vários autores de diferentes artes e períodos, como Mozart e Jean Genet. A morte também é uma obsessão nos escritos de Nava, desde o primeiro momento. O que eu tentei fazer na tese é usar esse estilo tardio, expresso por meio da presença da morte por refração, como elemento para a compreensão das Memórias".

Um segundo ponto, que não está completamente apartado do anterior, conforme Júlio Valle, é a própria concepção de tempo. Nas obras comentadas por Said, o crítico literário percebe certa atração dos autores analisados pelo extemporâneo. "Socorrendo-se de Nietzsche, Said fala de uma atração paradoxal por parte desses autores, que fazem parte do presente, mas que tentam dele se afastar, extemporaneamente. Tento mostrar que Nava tem uma concepção de tempo que pode ser aproximada dessa ambição extemporânea. Se há algo que pode sintetizar a ameaça de morte é a passagem do tempo. Na prosa das Memórias, é perceptível a preocupação do autor em fazer com que o tempo seja mitigado. Nesse sentido, eu proponho que Nava sente uma atração muito forte por aquilo que ele chama de "antigo. Esse antigo, no universo da produção de Nava, é aquilo que permanece. Ou seja, aquilo que por alguma razão se mostra infenso à passagem do tempo e, portanto, à ideia de morte", pormenoriza o pesquisador. Para alguém saído de um movimen-

to compromissado com o novo, diz, isto adquire maior relevância.

Um exemplo disso, pontua Júlio Valle, vem de um trecho do quinto volume das Memórias, no qual Nava faz uma tocante descrição da sua sala de visitas. "Trata-se de um cenário do presente, mas que é apresentado como um museu. No ambiente há objetos antigos que remetem a parentes e amigos. A poltrona, por exemplo, não está lá à toa. Ela tem um significado museológico", afirma o autor da tese. Ainda segundo Júlio Valle, há uma anedota sobre Nava, talvez não confiável, mas que se apresenta como verossímil, segundo a qual o memorialista teria aparafusado os móveis da sala no chão, para que ninguém os removesse. "Faz sentido. Afinal, o maior sintoma da passagem do tempo é o movimento. A estaticidade, no caso, seria a indicação, evidentemente ilusória, de que o tempo não está fluindo", analisa o pesquisador.

Seguindo nessa linha de interpretação, Júlio Valle enfatiza, ainda, que o ritmo da prosa das Memórias parece ser uma sistemática tentativa de fazer com que o tempo não passe. Trata-se, de acordo com ele, de uma prosa derramada, extremamente lenta. "De alguma forma, o ritmo da obra parece ser uma proteção do texto contra a inexorabilidade do tempo", afirma o pesquisador, que usa como fontes do estudo não somente as Memórias de Nava, como também as cartas que ele trocou com personagens importantes, sobretudo Drummond e Mário de Andrade. "Uma tese com o propósito de situar as Memórias no universo do Modernismo tem uma contraparte. Não se trata apenas de identificar afinidades, mas também possíveis distanciamentos. Se há um modernista que não aparece de forma muito clara na obra de Nava é Oswald de Andrade. Não se trata de menosprezo. Nava foi amigo e médico particular de Oswald. O arejamento vocabular e o uso de palavras, presentes nos textos de Oswald, também estão nas Memórias. Ocorre, porém, que existe uma grande defasagem entre as referências de Mário e Drummond e as de Oswald no trabalho de Nava", considera Júlio Valle. Para ele, o alcance da ruptura privilegiada pelo poeta paulista, já criticado por Drummond nos anos 20, pouco inspira uma obra marcada, em vários níveis, pelo anseio de permanência.

Pedro da Silva Nava nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1903. Formou-se em Medicina e especializou-se em reumatologia. Teve uma participação importante nessa carreira. Até 1972, havia publicado apenas alguns poemas esparsos. Naquele ano, editou o primeiro volume de suas memórias, Baú de Ossos. A este se seguiram mais cinco volumes. O sétimo, que estava sendo produzido, foi interrompido na noite do dia 13 de maio de 1984, um domingo. Por volta de 20h, depois de ter recebido um telefonema, o escritor deixou seu apartamento na rua da Glória, no Rio de Janeiro, sem dar maiores explicações à mulher, Danieta. Após peregrinar por ruas próximas, sentou-se num banco de praça e deu fim à própria vida, com um tiro na cabeça.

**Publicação**

Tese: "O modernista no antiquário: Pedro Nava, as Memórias e o Modernismo"  
Autor: Júlio de Souza Valle Neto  
Orientador: Antonio Arnoni Prado  
Unidade: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)  
Financiamento: Fapesp